

## O diálogo entre universidade e comunidade: uma proposta de ação coletiva no tempo comunidade do curso de licenciatura em educação do campo

### The dialogue between university and community: a proposal for collective action in the time community of the license course in field education

225

Débora Schmitt Kavalek<sup>1</sup>  
Ariele Maria Santos dos Reis<sup>2</sup>

**Resumo:** A presente proposta baseia-se numa ação coletiva dialógica realizada em uma das etapas do Tempo Comunidade do Curso de Licenciatura em Educação do Campo do Centro Universitário Norte do Espírito Santo da Universidade Federal do Espírito Santo, em uma das comunidades de origem dos estudantes: a comunidade Quilombola São Domingos, localizada no município de Conceição da Barra-ES. Esta investigação configura-se como pesquisa participante, onde os docentes e discentes realizaram uma prática interdisciplinar, aliada aos conhecimentos locais. Além de abordar características da pedagogia da alternância, a pesquisa aborda a dialogicidade, a problematização do conhecimento a partir da realidade e a construção de novos saberes.

**Palavras-chave:** Tempo comunidade. Dialogicidade. Pedagogia da Alternância. Comunidade Quilombola.

**Abstract:** The present proposal is based on a collective dialogical action carried out in one of the stages of the Tempo Community of the Degree Course in Rural Education at Centro Universitário Norte do Espírito Santo, Federal University of Espírito Santo, in one of the communities of origin of the students: Quilombola São Domingos community, located in the municipality of Conceição da Barra-ES. This investigation is configured as participatory research, where teachers and students performed an interdisciplinary practice, combined with local knowledge. In addition to addressing the characteristics of alternation pedagogy, the research addresses dialogicity, problematizing knowledge from reality and the construction of new knowledge.

**Keywords:** Community time. Dialogicity. Pedagogy of Alternation. Quilombola Community.

<sup>1</sup>Professora do Curso de Licenciatura em Educação do Campo do Campo CEUNES/UFES. E-mail quimicadebora@hotmail.com

<sup>2</sup>Aluna do Curso de Licenciatura em Educação do Campo-Habilitação em Ciências Naturais CEUNES/UFES.

Recebido em 15/06/2020  
Aprovado em 17/08/2020

## Introdução

Segundo o Projeto Pedagógico do Curso (PPC, 2019) de Licenciatura em Educação do Campo do Centro Universitário Norte do Espírito Santo (CEUNES), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), a educação do campo configura-se como uma ação afirmativa que visa à correção da desigualdade histórica vivida pelas populações do campo (campeiros, ribeirinhos, quilombolas, pescadores, assentados da Reforma Agrária, etc.) em relação ao acesso à educação básica na escola do/no campo e da formação de seus profissionais. Sendo assim, as etapas do curso são equivalentes aos semestres de cursos regulares, e realizados em regime de alternância entre Tempo/Espaço Curso e Tempo/Espaço Comunidade-Escola do Campo.

O objetivo do curso, de acordo com o PPC (2019), é formar docentes para atuar nas séries finais do ensino fundamental e ensino médio, na educação do campo, sendo capacitados a gerir processos educativos nos diferentes espaços escolares e a desenvolver estratégias pedagógicas que visem à formação de sujeitos capazes de produzir soluções para questões inerentes à sua realidade, vinculadas à construção de um projeto de desenvolvimento sustentável do campo e do país (PPC, 2019, p. 34). A Licenciatura em Educação do Campo CEUNES/UFES, oferece aos estudantes a opção de escolha em duas áreas do conhecimento: Ciências da Natureza ou Ciências Humanas e Sociais.

Pensando nessa formação, é proposta a Pedagogia da Alternância, que, segundo o PPC (2019), apresenta-se com o objetivo de estabelecer o diálogo entre os conteúdos e metodologias do conhecimento consolidado pela ciência, e os saberes tradicionais das comunidades. Dessa maneira, busca-se ampliar as perspectivas acerca da produção e socialização do conhecimento, que podem se enriquecer com variadas fontes, de acordo com a diversidade de olhares, culturas, e modos de viver. A Pedagogia da Alternância estabelece a organização do processo de aprendizagem em dois tempos: o Tempo Universidade e o Tempo Comunidade.

Sendo assim, propõe-se, no Tempo Comunidade do curso, atividades que relacionem os conteúdos vistos nas disciplinas à realidade do campo, do local de origem, oportunizando a aplicação dos conhecimentos na escola do campo ou na comunidade rural. Em contrapartida, novas informações que são trazidas da comunidade, são valorizadas e ampliadas no Tempo Universidade, através do conhecimento científico.

A sistematização do Tempo Comunidade encontra-se no PPC (2019) do Curso, sendo que, cada etapa do Tempo Universidade deverá ser precedida de reunião entre docentes responsáveis, a fim de apresentar propostas e planejar as atividades do período. A proposição de uma formação de qualidade às educandas e aos educandos da Licenciatura em Educação do Campo deve considerar, portanto, suas vivências durante o Tempo Comunidade e o Tempo Universidade.

Para dar sentido e efetividade aos trabalhos do Tempo Comunidade, a presente proposta iniciou com o diálogo entre docentes e discentes, para a realização de uma ação conjunta nas comunidades dos estudantes que cursam a licenciatura. Considerando que os alunos são oriundos de distintas comunidades, foram definidos três polos para a realização das atividades do Tempo Comunidade. Dentre os três polos propostos, optou-se por realizar a referida pesquisa na Comunidade Quilombola São Domingos, situada em Conceição da Barra-ES.

Após a definição das comunidades, formaram-se os grupos de docentes e discentes para realizar as atividades do TC em cada local designado, a mobilização de todos os segmentos das comunidades para participação, e o planejamento das atividades, que foram definidas tendo em vista as especificidades do grupo.

Posto isso, o propósito da presente pesquisa se volta para o relato de experiência que se relaciona a uma pesquisa dialógica, com a intencionalidade de integrar os conhecimentos os tradicionais presentes na Comunidade Quilombola São Domingos aos saberes acadêmicos do curso de Licenciatura em Educação do Campo.

Além de discutir características da Pedagogia da Alternância, a pesquisa justifica a intencionalidade de trabalharmos com situações que vêm ao encontro dos interesses de nossos estudantes, no propósito de romper com o ensino fragmentado em sala de aula. Dessa forma, procurar-se-á valorizar os conhecimentos históricos e culturais das comunidades de origem dos estudantes.

A presente proposta vai ao encontro das ideias de Freire (1996) de que, para reinventar uma prática é preciso problematizá-la. Trazer para si, se responsabilizar pela aprendizagem do estudante é (re)significar as práticas, é dar sentido para a vida. O educador deve colocar-se junto ao aluno, como alguém que problematiza um mundo real e imaginário, contribuindo para que o mesmo possa compreendê-lo, num processo social, sendo assim, o diálogo é a essência de uma pedagogia libertadora. Conforme Freire (1996), o diálogo aparece como único capaz de gerar pensamento crítico, de promover a comunicação e de garantir a verdadeira educação.

Acreditamos que, no âmbito educativo, é fundamental considerar os conhecimentos aprendidos no cotidiano por cada educanda (o), pois estes saberes são somados à vida de cada sujeito social, e neles está impresso o conjunto de aprendizado adquirido. O saber daí decorrente é fruto de sua vivência e produção cultural, a partir do lugar social que elaboram e no qual estão inseridos, visto que estes conhecimentos trazem a marca de cada ser humano, quer no plano individual ou coletivo, e esta marca é tecida nas múltiplas experiências de grupos, comunidades e sociedades (FREIRE, 2002, p. 106).

### Referencial teórico

Parte-se do princípio de que uma educação política é uma educação em que a vida não pode ficar de fora da construção do conhecimento. Uma educação libertadora, emancipadora ou transformadora (FREIRE, 1994) toca e afeta politicamente a vida, aumenta a potência de viver dos que dela participam a partir do exercício de pôr em questão o sentido da vida (KOHAN, 2019, p. 59). A leitura do mundo, sendo uma práxis transformadora deste, propõe uma leitura consciente, profunda, científica.

Baseando-se nas ideias de Freire (1974), entende-se que a verdadeira leitura de mundo não implica apenas em entendê-lo e explicá-lo, mas trata-se de uma tomada de consciência das condições de opressão para uma efetiva transformação das condições de vida dos oprimidos. Assim, a educação deve envolver teoria, prática, reflexão, ação, não apenas tomada de consciência, mas a busca de condições para mudar as circunstâncias materiais de vida pois, a vida é, de certo modo indissociável do pensamento (KOHAN, 2019, p. 64).

Exposto isso, verifica-se que Chassot (2001) afirma que os saberes escolares podem ser transmitidos a partir da sabedoria popular conhecida por aqueles que os constroem, através de uma linguagem mais inteligível, próximo da realidade do estudante de forma contextualizada. Já para Vigotski (2001), isso tem auxiliado a configurar novas perspectivas teóricas, considerando o contexto multicultural e social do estudante, na busca de cultivar uma nova formação do bem comum, possibilitando a socialização do saber científico e popular, por meio do trabalho interdisciplinar e da convivência coletiva.

Relacionando com os estudos de Santos (2000), vislumbra-se que, por muitos anos, se configurou o modelo hegemônico do conhecimento científico, da supremacia da ciência, como única forma de conhecimento válido, na negação do senso comum e das experiências cognitivas

das minorias silenciadas, que durante muito tempo permaneceram marginalizadas e hoje reivindicam por meio dos movimentos sociais uma nova postura científica, política e sócio-cultural. A educação deve levar à transformação social, e esse fator é visto por Santos (2000), como um novo paradigma que se firma na atualidade, a partir das crises vivenciadas na atualidade, que se concretiza a partir de propostas alternativas profundamente discutidas por aqueles que sempre estiveram às margens da produção do saber. Daí a emergência de ser uma proposta que tem entre seus aspectos um caráter político voltado para as questões sociais onde se busca o pleno exercício da cidadania e da ética na sociedade.

Dessa forma, a Pedagogia da Alternância (PA) visa uma educação que o sujeito constrói dentro de determinadas condições histórico-sociais. De acordo com estudos de Saul, Rodrigues e Auler (2019), a PA é uma metodologia que possibilita a formação integral e interdisciplinar, considerando a teoria e a prática, o contato com a realidade, bem como o processo de construção e reconstrução, a partir do diálogo, da problematização, do processo de reflexão e crítica, do coletivo.

É fundamental trazermos as nossas reflexões para o campo da pesquisa em questão, as Licenciaturas em Educação do Campo. Se precisamos de professores para atuar nas escolas básicas de Educação do Campo, necessitamos que eles tenham uma formação adequada às necessidades dessa realidade de camponeses. É nesse sentido que a PA vem para contribuir com a organização curricular desses cursos de formação, no sentido de valorizar o acadêmico a já estar intervindo em sua realidade (SAUL; RODRIGES ; AULER, 2019, p. 9).

No atual momento histórico, a Pedagogia da Alternância, segundo Gerke e Santos (2019), busca reconhecer que a especificidade se produz na diversidade de saberes e fazeres do campo brasileiro e que por assim se constituir, possibilita o encontro com a criatividade humana (GERKE; SANTOS, 2019, p. 6).

Outrossim, a alternância firma-se como tal quando efetivamente produz a integração entre seus pressupostos teóricos e suas mediações didático-pedagógicas no campo da prática, por exemplo: o plano de estudo, o projeto profissional do jovem, os estágios, as folhas de observação, o caderno da realidade, o caderno de acompanhamento, visitas e viagens de estudo, sendo necessário que estas valham como veículos mediadores dos saberes e fazeres do meio sócio-familiar-profissional e do CEFFA e/ou da universidade (GERKE, SANTOS, 2019, p. 8).

Diante disso, percebe-se que a Pedagogia da Alternância oportuniza diferentes possibilidades de aprendizagem e ensino nos mais distintos contextos do campo, buscando, na dinâmica por ela provocada, o lugar da produção de conhecimento.

Ao realizar uma ação coletiva, problematizando questões das comunidades locais, os docentes do curso de Licenciatura em Educação do Campo proporcionam condições de exercer a dialogicidade, numa perspectiva freireana. É nesse aspecto que a Pedagogia da Alternância se constitui uma proposta pedagógica e metodológica que pode facilitar esse processo, que inclui a problematização do conhecimento a partir da realidade, e construção de novos saberes a respeito daquela realidade e sua relação com a totalidade do conhecimento (CORDEIRO; REIS; HAGE; 2011, p. 122). Dessa forma, essa pedagogia procura construir uma relação maior, inclusive de intervenção concreta na realidade local de cada comunidade.

Somente no âmbito da vida cotidiana os indivíduos se apropriam de uso, práticas e concepções, síntese de relações sociais construídas no passado. Até mesmo as habilidades para transcender o âmbito imediato, ligar-se aos movimentos sociais, são adquiridas ou criadas na rotina cotidiana. Por isso pode-se dizer que na vida cotidiana se reproduz a existência da sociedade, assegurando-se a continuidade da espécie humana.

## **Metodologia**

### **4.1 Percurso Metodológico**

O caminho metodológico para produção desta atividade realizada durante o Tempo Comunidade do curso de Licenciatura em Educação do Campo, ocorreu segundo a realidade do local, desafios, problematizações e questionamentos. Em uma turma com variadas características culturais, as atividades levaram em consideração a história da região e de seus habitantes, valorizando a participação e ação do sujeito/educando na sua comunidade.

Neste estudo, a prática cultural é interpretada como produção de conhecimento, baseada na inter-relação entre os atores e saberes envolvidos em uma prática intertextual e social, de acordo com Furlan e Campos (2014). Nesse sentido, configura-se como pesquisa participante, onde os docentes realizaram uma prática interdisciplinar, que aliou atividades propostas pelos docentes e discentes do curso de Licenciatura em educação do Campo, aos conhecimentos e tradições locais.

A pesquisa participante abrange a pesquisa e a participação como elementos centrais, contudo, há outro elemento constitutivo, que pode ou não ficar explícito nesse tipo de pesquisa: a política. Do equilíbrio destes elementos surge uma característica da pesquisa participante: a linguagem crítica, com claras “ressonâncias marxistas” (EZPELETA e ROCKELL, 1986, p. 78). A linguagem expressa conceitos que delimitam uma realidade, com termos como “transformação da realidade”, “mudança social”, “relações sociais”, “relação sujeito-objeto”, “ construção do conhecimento”, termos que permeiam por saberes populares, interações, coletividade, movimentos sociais, classe, reprodução, sistema social, entre outros.

Outra característica da pesquisa participante é a crítica ao paradigma positivista, de acordo com as ideias de Ezpeleta e Rockwell (1986), pois fundamenta-se na participação no processo de pesquisa, na qual o informante passa a ser sujeito, tanto para a construção do conhecimento, quanto para a ação. A perspectiva a-histórica, despolitizada, próprias do positivismo, estão em muitas das reflexões e críticas da pesquisa participante, pois não há pensamento social à margem da história, assim como também não se pode pensar uma sociedade sem sua posição em relação ao poder.

Pode-se citar também como características desse tipo de pesquisa o dinamismo, a imprevisibilidade, pois, de um modo geral, a pesquisa participante parte de variados interesses, trabalhando com os setores populares, com o conhecimento disponível na realidade pesquisada.

O reconhecimento de que estes setores não são homogêneos, o reconhecimento, portanto, de sua acentuada heterogeneidade, coloca problemas na programação das ações e abre questionamentos teóricos. Daí se depreende a necessidade de refinar, e, sobretudo, de construir um conhecimento que permita interpretar, com rigor, o movimento destes setores, cuja importância social e política está fora de qualquer dúvida (EZPELETTA e ROCKELL, 1986, p. 80).

A pesquisa participante, pois, trata de processos sociais que podem ou não ser políticos, mas sempre expressam uma história, e seu entrelaçamento com os grandes processos sociais sucede através de uma articulação política e configuram as facetas reais e concretas da sociedade. Nesses processos os sujeitos são constituídos e os protagonizam, sendo que esses sujeitos são constituídos por relações sociais, tradições e histórias variadas, e também normatividades distintas.

Ao incorporar essas ideias, objetivou-se desenvolver uma metodologia contextualizada, capaz de unir o conhecimento científico ao tradicional, centrado na realidade local e na valorização da cultura de cada povo.

#### 4.2- Descrição das turmas envolvidas

As turmas envolvidas na atividade proposta de Tempo Comunidade foram: alguns alunos do primeiro, quarto e sétimo período do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, que cursam as habilitações de Ciências Humanas e Sociais e Ciências Naturais. A maioria dos estudantes participantes residem na própria comunidade, nas proximidades ou em outras Comunidades Quilombolas. Participaram deste trabalho quatro professores do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, das áreas de: linguagens, ciências naturais, história e geografia.

#### 4.3- Descrição da Comunidade Quilombola São Domingos

A Comunidade Quilombola São Domingos pertence ao município de Conceição da Barra, no estado do Espírito Santo (ES). A Comunidade possui uma escola, de ensino fundamental incompleto, sendo que, na prática realizada na comunidade houve também a participação dos alunos da Escola Quilombola São Domingos.

A escola presente nesta comunidade é registrada como uma escola quilombola, permeada por uma educação voltada para o campo, onde o objetivo educacional deve fundamentar-se na aprendizagem por meio da experiência, por meio de uma metodologia aplicada em um processo de ensino e aprendizado de forma contextualizada e interdisciplinar. A construção pedagógica realizada nas escolas quilombolas deve partir dos saberes ancestrais, passados por meio da oralidade pelos seus anciões.

#### 4.5- Descrição das atividades realizadas

A ação realizada na Comunidade Quilombola São Domingos, pertencente ao município de Conceição da Barra, foi realizada por licenciandos em Educação do Campo, docentes da Universidade Federal do Espírito Santo, familiares, membros da comunidade e alunos da Escola Quilombola São Domingos.

A prática contou com as seguintes etapas:

- i. Conversa inicial com os alunos e com a comunidade,
- ii. Diálogo com os anciões da comunidade, que contaram algumas histórias e experiências;

- iii. Apresentação de uma mística pelos alunos da escola da comunidade;
- iv. Roda de capoeira orientada por um estudante da Licenciatura em Educação do Campo;
- v. Contação da história “O cabelo de Lelê” por uma aluna da UFES;
- vi. Representação das atividades propostas através de um desenho;
- vii. Apresentação do Documentário: Disque Quilombola (Brasil, 2012);
- viii. Saída de campo para conhecer as retomadas da terra e a nascente localizada no interior da comunidade.

### Resultados e discussões

Durante o trabalho na Comunidade Quilombola São Domingos, foi realizada, primeiramente, uma conversa com as famílias e os anciões da comunidade (Figura 1), trazendo para o diálogo a visão dos familiares e dos mais velhos em relação aos fatos pertinentes, neste caso, as retomadas do seu espaço por meio de resistência e luta contra a monocultura de eucalipto presente na região, e a preservação da nascente local que abastece a comunidade quilombola, contribuindo para o reconhecimento cultural, identitário, econômico e político desta região e do mundo.

Figura 1 Conversa com os anciões da comunidade quilombola



Fonte: Arquivo pessoal

Santos (2004) argumenta que a ciência atual (que chama de pós moderna), abarca conhecimentos tradicionais, do senso comum, advindo das diferentes realidades, concebendo, nesta forma de conhecimento, algumas virtualidades fundamentais ao enriquecimento de nossa relação com o mundo. Embora admita o caráter conservador e mistificador desta forma de conhecimento, o autor ressalta suas potencialidades libertárias que, em diálogo com o conhecimento científico, podem ser enriquecidas e ampliadas. O autor sugere uma visão alternativa que resgata os aspectos positivos dos saberes cotidianos, sobretudo o seu potencial para os projetos de emancipação social e cultural. Outro ponto importante a destacar nas ideias de Santos (2004), é que esse conhecimento tradicional apresenta sentidos de resistência, que, dadas as condições, podem converter-se em importantes armas de luta para a comunidade.

Assim como todas as comunidades tradicionais, a participação dos anciões na comunidade influencia no andamento das atividades, no resgate da ancestralidade e nas manifestações religiosas em forma de danças e rituais. Desta forma, esse agente cultural adentra também o espaço escolar voltado à Educação do Campo, potencializando a ligação entre os saberes e os estudos repassados para os estudantes, permitindo a resistência de sua cultura através das gerações. Evidenciar o saber popular da comunidade quilombola é valorizar o conhecimento produzido pelos seus ancestrais.

Para Geertz (1989), o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele próprio teceu. A cultura, pois, para o autor, simboliza as teias e sua análise, sendo uma ciência interpretativa, à procura de um significado, como forma de conhecimento. O ponto global da abordagem da semiótica da cultura é podermos abranger o acesso ao mundo onde vivem os sujeitos, de forma a poder conversar com eles, num sentido mais amplo. Olhar outras dimensões da realidade, cultura, religião, arte, ideologia, senso comum, não é afastar-se da ciência, mas mergulhar no meio dela, é colocar à disposição dos sujeitos as respostas e olhares de outros autores.

O senso comum, na visão de Gramsci (1979), não é algo estático e acabado, mas um processo no qual, em contato com os intelectuais, pode ser enriquecido com noções científicas e filosóficas que gradativamente penetram nos costumes. Já Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia da Esperança*, afirma: “O que não é possível – repito-me agora – é o desrespeito ao saber de senso comum; o que não é possível é tentar superá-lo sem, partindo dele, passar por ele” (FREIRE 1999, p.84).

Ferreira (2009) revela quais são os saberes das comunidades Quilombolas,

Os saberes próprios desse lugar são: as categorias nativas, que expressam estas formas peculiares de leitura e apropriação do mundo; a observação acerca dos sinais do tempo atmosférico e da fertilidade do ambiente; as práticas de cooperação guiadas pelo princípio da solidariedade e reciprocidade; a cosmologia que orienta o melhor momento para os plantios e o extrativismo – o tempo das águas e os ciclos lunares, buscando a otimização do que o meio pode oferecer; a diversidade de técnicas e materiais utilizados nas construções e produção de artefatos; a diversidade de espécies de alimentos e medicamentos – que revelam uma longa observação, manuseio e experimentação; os conhecimentos acerca da cura corporal e espiritual – expressos pela grande quantidade de medicamentos oriundos da flora e fauna locais, aliados aos benzimentos; a arte de devoção religiosa presente no Baile de Congo de São Benedito, nos ternos de Reis de Boi e no Jongo, como também na Mesa de Santa Bárbara e Santa Maria, rituais de cunho afro-brasileiro (FERREIRA, 2009, p. 13).

Na segunda atividade proposta, após a leitura do livro “Os Cabelos de Lelê”, os estudantes da escola quilombola foram orientados pelos docentes e discentes da Licenciatura em Educação do Campo, a relacionar a história da menina Lelê com o que os mesmos vivenciam na comunidade. Diversas falas entre os alunos trouxeram a importância de “valorizar suas características, seu cabelo, sua cor”, enfim preservar sua ancestralidade através de sua identidade cultural, por meio da vestimenta e do cabelo.

De acordo com os estudos de Pinheiro, Rosa e Conceição (2019), que problematizam padrões de beleza historicamente aceitos no Brasil, o corpo negro é visto como um fator de reforço do seu extermínio, inclusive as autoras alertam que o corpo negro fala, afinal a identificação de seu corpo é feito por sua estampa. Nesse sentido, pensar esse corpo e a desconstrução do seu processo de desumanização e autonegação se faz primordial na luta contra padrões impostos pela sociedade. Diálogos a partir dessa perspectiva se fazem necessários para compreendermos como esses saberes se constituem e como que, socialmente, são muitas vezes aplicados reforçando estruturas de opressão social.

Já no documentário “Disque Quilombola”, os alunos foram orientados a observar e refletir a respeito de duas realidades presentes no vídeo: das crianças que saíram do quilombo e foram morar na cidade e das crianças que ainda pertencem a uma comunidade quilombola. Os estudantes tiveram oportunidade de expor suas ideias, sendo que foi criado um ambiente encorajador para isso. Sabemos que é na interação entre professores e alunos que estes tomam consciência de suas próprias ideias e têm também oportunidade de ensaiar o uso de uma linguagem adequada ao tratamento científico da natureza (Carvalho, 2007).

Acompanhamos no decorrer da história, os negros sendo expulsos dos lugares onde viviam, ainda que a terra fosse fruto de herança ou de doação legalmente registrada. Pode-se então

afirmar que, atualmente, a noção de quilombo para esta parcela da sociedade brasileira está diretamente relacionada à possibilidade de um direito a ser reconhecido, de uma injustiça a ser reparada.

Durante o diálogo final, os alunos da escola quilombola relataram muitas semelhanças e diferenças entre as histórias do livro e do documentário, e as relacionaram com a realidade presente no seu cotidiano.

Após essas etapas das atividades, foi encaminhado o seguinte questionamento: “Para você, o que é ser um quilombola? O que vocês mais gostam, mais se identificam na comunidade de São Domingos?”. Assim, as crianças retrataram sua culinária, falaram sobre sua dança ancestral, identidade histórica e suas manifestações religiosas, e também sobre questões étnico-raciais. Inclusive os mais velhos puderam participar, dando sua contribuição e relacionando o tempo presente com o passado e as comodidades do tempo atual, compartilhando informações. As crianças concluíram a discussão, por meio de um desenho ilustrativo sobre sua percepção a respeito das atividades desenvolvidas. Os desenhos retrataram, principalmente a conversa com os anciãos.

Segundo Gomes (2009), a identidade quilombola relaciona-se direta e indiretamente à ideia de necessidade de justiça social ligada ao reconhecimento do direito desses grupos de reafirmarem essa identidade, de terem acesso a bens materiais e simbólicos e o direito à representação política. O processo de formação de identidade das comunidades negras rurais no Brasil alia-se a uma história de lutas e resistências.

Resistência como, por exemplo, à implantação dos monocultivos industriais de eucalipto em larga escala que, de acordo com os estudos de Ferreira (2009), monopolizou o uso da terra e das águas, inviabilizando as roças camponesas de alimentos e destruindo a concepção do uso comum, fundamental para a manutenção desse modo de vida.

Dando sequência ao trabalho, após um almoço compartilhado e com pratos da culinária local, foi realizada uma visita às retomadas de terra (Figura 1e 2), onde houve uma reflexão e debate a respeito da realidade local e aspectos constitutivos de situações de luta e resistência por que a comunidade passou para retomar suas terras.

Figura 1-Visita às terras que foram retomadas



Fonte: Arquivo próprio

Figura 2-Visita às terras que foram retomadas



Fonte:

Arquivo próprio

A Constituição Federal, no artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias traz o seguinte enunciado: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhe os títulos respectivos”. Porém, segundo Leite (2008), a forma de ocupação da maior parte das terras se deu por meio da lógica da expulsão dos negros. A territorialidade negra, portanto, sempre foi engendrada pelas e nas situações de tensão e conflito. Neste sentido, tornam-se fundamentais os exemplos provenientes das realidades locais para se “perceber o que está em jogo nas diversas situações analisadas, suas dimensões, articulações, formas e realces” (LEITE, 2008, p. 967).

De acordo com Ferreira (2009), os conflitos ocorrem entre as comunidades negras (no caso desse estudo a Comunidade Quilombola São Domingos) e o capital moderno da produção de papel e celulose, sujeitos sociais que se utilizam do mesmo espaço por meio de territorialidades diferenciadas (FERREIRA, 2009, p. 14).

Derrubada a floresta, muitos elementos que eram coletados ali deixaram de estar disponíveis, como a água da nascente, que consistia em um afloramento do lençol freático que originou um fluxo d’água. Porém, com a retomada de suas terras e reflorestamento, a nascente de água que havia secado foi recuperada, sendo novamente a fonte de água potável usufruída pela Comunidade São Domingos (Figura 3).

Figura 3-Poço perfurado pela comunidade para coletar água potável



Fonte: Arquivo pessoal

Sendo assim, a visita realizada a tarde, após verificar as áreas de terra que foram retomadas pelos quilombolas, foi verificar e avaliar a situação atual da nascente localizada na comunidade. Os participantes entenderam que a floresta mantém a quantidade e a qualidade das águas, pois a filtram de maneira natural, além de auxiliar na proteção da fauna local.

Figura 4-Moradora da comunidade falando sobre a importância da floresta



Fonte: Arquivo próprio

Assim, as atividades do tempo Comunidade tornam-se um espaço social com flexibilidade no processo de ensino e aprendizagem, onde possa permitir vivenciar e estudar a realidade brasileira e afro-brasileira e suas tradições, e que essa interlocução possa também ocorrer pelas

transmissões orais, unindo assim o conhecimento científico com os saberes dos povos tradicionais e tornar o ensino mais significativo, aprimorando a teoria e prática para facilitar a compreensão do conhecimento de forma crítica e reflexiva.

## Conclusões

A partir da análise das atividades realizadas na Comunidade Quilombola São Domingos, que reuniu docentes e estudantes do curso de Licenciatura em educação do campo, alunos e professores da Escola Quilombola São Domingos e membros da comunidade,

Nessa primeira experiência de Tempo Comunidade, educadoras e educadores do curso de Licenciatura em Educação do Campo, educandas e educandos do curso, e alunas e alunos da escola local, membros da comunidade quilombola participante e de outras comunidades próximas, puderam perceber a relevância de sistematizar o conhecimento voltado para o seu campo de atuação e moradia. Desta forma, o estudante da educação do campo consegue analisar de uma forma mais crítica as ações que acontecem em sua comunidade, e visualizar como seu saber adquirido durante o Tempo Universidade dialoga com a sua realidade, contribuindo na resolução dos problemas presentes.

Assim, a educação do campo cumpre sua função social, articulando linguagens e modelos que compõem cada cultura, estabelecendo mediações capazes de produzir o conhecimento, na inter-relação dinâmica de conceitos cotidianos e científicos diversificados, que incluem o universo cultural do campo.

## Referências

CALADO, Alder. et al. (FREIRE, 2002). **A Educação Popular na Escola Pública: Tecendo Olhares Sobre o Diálogo, A Inclusão e a Diversidade Cultural**. Fortaleza. 2011.

CARVALHO, A. M. P. **Enseñar física y fomentar una enculturación científica**. Alambique, Barcelona, 51, p. 66-75, 2007.

CHASSOT. Attico. **Alfabetização Científica: Questões e desafios para a educação**. Ijuí: Unijuí, 2001.

CORDEIRO, Georgina N. K; REIS, Neila da Silva; HAGE, Salomão Mufarrej. Pedagogia da Alternância e seus desafios para assegurar a formação humana dos sujeitos e a sustentabilidade do campo. **Em Aberto**, Brasília, v. 24, n. 85, p. 115-125, abr. 2011.

DISQUE QUILOMBOLA. Direção: David Reeks. Brasil, 2012, 13 min.

EZPELETA, Justa; ROCKWELL, Elsie. **Pesquisa Participante**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

FERREIRA, Simone Raquel Batista. **“Donos do lugar”**: a territorialidade quilombola do Sapê do Norte – ES. 513 p. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense, 2009. Disponível em: [www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br).

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

FREIRE, P. **Cartas à Cristina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P.; **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1999.

FURLAN, Paula Giovana, CAMPOS, Gastão Wagner de Souza. Pesquisa-apoio: pesquisa participante e o método Paidéia de apoio institucional. **Interface**, Botucatu, 2014.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.

GERKE, Janinha; SANTOS, Silvanete Pereira dos. Alternância e seus 50 anos: Uma possibilidade formativa da Educação do Campo. **RBEC**, Tocantinópolis/Brasil, v. 4. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/campo/article/view/7292/16085>. Acesso em 16 abr. 2020.

GOMES, Lilian Cristina Bernardo. **Justiça seja feita**: direito quilombola ao território. Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte: FFCH/Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

GRAMSCI, A. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Tradução de Carlos N. Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

KOHAN, Walter. **Paulo Freire mais do que nunca**: Uma biografia filosófica. São Paulo: Vestígio, 2019.

- LEITE, Ilka Boa Ventura. O Projeto- Político Quilombola: desafios, conquistas e impasses. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 16(3): 424, setembro-dezembro, 2008.
- MOLINA, Mônica. FREITAS, Helana. **Avanços e Desafios na Construção da Educação do Campo**. (p. 17-31). Brasília. 2011.
- PAVIANI, Jayme. **Interdisciplinaridade: conceitos e distinções**. 2. ed. Caxias do Sul, RS: Educs, 2008.
- PINHEIRO, Bárbara C. S.; ROSA, Katemari; CONCEIÇÃO, Sueli. “Linda e preta”. Discutindo questões químicas, físicas, biológicas e sociais da maquiagem em pele negra. **Conexões Ciência e Tecnologia**. Fortaleza/CE, v.13, n. 5, p. 07 - 13, dez. 2019.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **Para um Novo Senso Comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática**. São Paulo: Cortez, 2000.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **Um Discurso sobre as Ciências**. 2a ed. São Paulo, Cortez, 2004.
- SAUL, Tamine Santos; RODRIGUES, Ricardo Antônio; AULER, Neiva Maria Frizon. **Educação do Campo: olhar sobre as produções acadêmicas**. RBE. Tocantinópolis/Brasil, v. 4. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/campo/article/view/5541/14939>. Acesso em: 16 abr. 2020.
- SILVA, Doris Regina Barros da. **Os contos e os pontos: o lugar do saber e os saberes que têm lugar nas rodas da pedagogia griô**. GEPIADDE, ITABAIANA, Volume 11, Ano 6, jan-jun, 2012.
- VIGOTSKI, L.S. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. 1 ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

